

NARRATIVAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS EM FORMAÇÃO CONTINUADA DE UMA PROFESSORA DE INGLÊS COM AS REDES SOCIAIS

Larissa Pinheiro Ferreira 

Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira 

¹Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA/2025). Licenciada em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM/2015). Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial. É professora de Inglês do ensino fundamental - anos finais no Colégio Lato Sensu, em Manaus e Orientadora Voluntária na Universidade Aberta do Brasil (UAB). Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Email: laripinfe27@gmail.com

²Doutora em Ciências da Educação. Mestra em Educação. Especialista em Psicopedagogia. Pedagoga com Habilitação em Supervisão Escolar. Professora Associada da Universidade do Estado do Amazonas.

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação

de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 4 n. 2, 2025.

educacaoemcontexto@educ.go.gov.br

Recebido em: 02/06/2025

Aprovado em: 18/11/2025

DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.17727094>

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo mostrar os caminhos percorridos no cotidiano escolar de uma professora de inglês que atuou com alunos autistas durante sua experiência de formação continuada. Retrata as narrativas mais especificamente no ensino fundamental, em uma escola da rede pública estadual na cidade de Manaus, Amazonas, onde foram trabalhadas as competências e habilidades dos estudantes por meio do uso de estratégias de ensino, dentre elas os recursos tecnológicos como o ambiente virtual de aprendizagem, sites com atividades lúdicas e um perfil no Instagram, sendo este último explorado como uma ferramenta pedagógica para estimular a aprendizagem e a participação dos discentes nas aulas. A ideia principal deste perfil criado destaca o potencial das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na promoção da inclusão e do respeito a este público no ambiente escolar. Ainda que tenham ocorrido dificuldades na execução, as reflexões resultantes destas práticas pedagógicas que serão aqui apresentadas evidenciam a possibilidade de uma educação inclusiva e que promova equidade.

Palavras - chave: Educação inclusiva. Autoformação docente. Recursos tecnológicos.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência visa fomentar uma discussão mais ampla sobre a importância de nós, docentes, abraçarmos a diversidade e, de algum modo, promovermos a igualdade nos espaços educacionais por meio das nossas práticas pedagógicas rotineiras. A inclusão de estudantes autistas é um desafio urgente considerando a sociedade em que vivemos na atualidade, que busca, acima de tudo, o respeito pelas diferenças em todos os lugares.

Nesse contexto, portanto, o primeiro passo é reconhecermos que a educação inclusiva, na prática do “chão da sala de aula”, deve ter como propósito substancial a viabilização de um ambiente de aprendizado que considera e acolhe todas as particularidades individuais dos educandos, de modo a oferecer o suporte necessário para que cada sujeito alcance o seu potencial máximo.

Por isso, este estudo destaca a adoção de abordagens interdisciplinares e a utilização dos recursos tecnológicos como ferramentas para o fortalecimento de uma educação cada vez mais aberta à diversidade.

No primeiro segmento deste relato, apresento um pouco de minha trajetória com relação ao ensino para estudantes especiais e o meu encontro e compreensão quanto a educação libertadora, presente nos discursos e escritos de Paulo Freire.

Em seguida, trato sobre a educação inclusiva a partir da necessidade de ampliarmos o nosso conhecimento sobre os direitos e deveres do Estado em relação às pessoas com deficiência. A legislação brasileira, incluindo aí a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1995, é mencionada como um marco legal que promove, ainda que na teoria, a inclusão de estudantes com necessidades especiais em escolas regulares. A discussão é complementada com reflexões sobre a importância da valorização das dife-

renças nas escolas e o desafio de tornar a inclusão uma realidade para todos os discentes.

Em seguida, o estudo se aprofunda na questão do Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando as principais características diagnósticas do TEA, que incluem prejuízo na comunicação, bem como padrões restritos e repetitivos de comportamento. Aqui, a autora Mantoan (2015) é citada como referência na promoção de uma educação inclusiva e integral que vai além dos estudantes com deficiência, impactando positivamente todos os envolvidos no processo educativo, como outros colegas de classe sem deficiência e até mesmo outros professores.

Quando se apresentam as estratégias utilizadas com os discentes, a metodologia empregada consistiu em uma abordagem sensível e observacional na sala de aula. Eu, como professora, relato minha experiência ao lidar com um estudante autista em sala, destacando a importância da escuta atenta das necessidades e peculiaridades dele.

Meu relato descreve a reação do discente ao novo ambiente, à nova professora e à nova abordagem de ensino, oferecendo uma compreensão sobre a importância da adaptação do ambiente escolar para atender às necessidades dos alunos autistas – reforçando, assim, a relevância de ouvir as vozes das pessoas com deficiência e considerar as suas perspectivas ao desenvolver estratégias de inclusão na educação.

DESENVOLVIMENTO

Atravesso os caminhos da educação desde 2011, ano em que estava em meu terceiro período na universidade e iniciei minha carreira na docência. Muito do que pude realizar nesse início se deu por meio de minha experiência como estudante para que posteriormente viesse a sentir segurança e auto-

nomia o suficiente para desenvolver minha prática por meio do que vinha aprendendo.

Foram muitos alunos durante esse percurso, de vários públicos. Iniciei dentro de um projeto universitário, trabalhando com turmas de estudantes adultos e adolescentes e me vi ali em meu primeiro grande desafio. Muito, até aquele momento, já havia sido explanado a respeito de métodos e a abordagem mais adequada a ser utilizada para o trabalho, mas somente uma coisa poderia definir o ideal para a minha realidade naquele momento: a prática. E foi levando isto em consideração que passei a observar mais a minha realidade e dar mais atenção às minhas perspectivas. Passei a escutar mais da minha essência e me permitir, com base nos estudos que desenvolvi, tentar o fora do obvio para obter o que, para mim, era o objetivo final.

Pela necessidade eminente de que vivi àquela época, fui experienciando espaços diferenciados para desenvolver minhas habilidades por meio da prática docente. Trabalhei, por vezes, em duas, três escolas ao mesmo tempo, com níveis e idades diversas de alunos que vinham para o espaço de sala de aula com muito mais do que somente dúvidas referentes ao conteúdo, mas também demandas que me fizessem refletir a respeito das possibilidades que viriam a ser desenvolvidas naquele espaço, dentro daquela realidade.

Durante este período, estive atenta ao reconhecimento dos sujeitos envolvidos no processo: eu e eles. Perceber-me como uma facilitadora para que o processo do meu aluno pudesse ser, além de mais proveitoso, um processo satisfatório e bem-sucedido, me fez compreender que eu havia chegado a um ponto comum de compreensão sobre como desenvolver, ao máximo potencial, as habilidades dos aprendentes.

Encontro, então, por meio dos escritos de Freire, amparo à minha visão de como educar e validar minha prática quando este diz que

educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros (2019, p. 66).

Com isso, chegamos ao encontro de uma prática libertadora, que permeia a obrigatoriedade de um sistema previamente estabelecido e a vontade do agente de ensino em fazer a diferença na vida dos sujeitos envolvidos.

Para Marques e Romualdo, tal prática ocorre

pela interação dos sujeitos vinculados ao seu contexto histórico, político e social, através de uma prática problematizadora capaz de levá-los ao enfrentamento das situações-limite, buscando, assim, condições adequadas para superá-las (2015, p. 274).

Por consequência, entende-se que a visão libertadora aceita todos como agentes de sua transformação, não se entregando ao fatalismo, nem negando ao estudante o reconhecimento de sua opressão, fazendo assim com que ele venha a se libertar (Marques e Romualdo, 2015, p. 273).

Ao me deparar com uma demanda até então desconhecida, a presença de estudantes especiais em sala de aula, me vi com a necessidade de adaptações e estudo. A mente já funcionava de maneira a incluí-los, mas ainda havia muito a caminhar.

Diz Freire:

desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando os índios, o negro, a mulher, não ajudarei meus filhos a serem sérios, justos, e amorosos da vida e dos outros (2000, p. 367).

E é pensando nisso que reconheço a importância de cada integrante do ato de ensinar e aprender, independente das circunstâncias, considerando que as diferenças constroem uma prática justa, cumprindo um rol de direitos que é para todos.

Reconhecer as diferenças e perceber que elas podem ser mais uma particularidade do meu processo do que um impedimento me faz compreender a finalidade de tudo, pois “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 1996, p.53).

RECONHECENDO O SER AUTISTA NA ESCOLA

Frente as proporções que discussões a respeito de metodologias e a prática docente vem tomando no correr do tempo, a Educação inclusiva se apresenta como pauta de muitas reflexões importantes no que se refere à pessoa com deficiência e a forma de ensinar. No entanto, ainda se percebe ser insuficiente o conhecimento existente sobre os direitos e os deveres do Estado para com este público.

A Legislação brasileira, especificamente ancorando este estudo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1995, certifica que os estudantes com necessidades especiais devem ser matriculados em escolas regulares, e que elas devem assegurar a estes estudantes o uso de recursos educativos, adaptações de currículos e métodos de modo a atender toda e qualquer necessidade.

Os avanços estruturais são reconhecidos por representarem o resultado de uma luta constante por uma educação inclusiva e de qualidade para todos, que envolve, entre outros aspectos, o dever

da escola não somente no que tange à aceitação, mas também a valorização das diferenças.

É importante compreender que muitos espaços escolares vêm sendo tomados pela variação de modalidades, tipos de serviço, grades curriculares, conscientes da necessidade do movimento de mudança organizacional, como proposto pela inclusão, com o objetivo de realizar o processo de formação do ser professor e do ser estudante (Mantoan, 2015), e é pensando nisso e com foco em minhas experiências como professora da Educação Inclusiva que o Autismo ocupa aqui lugar de destaque.

Atualmente o TEA é considerado

um novo transtorno do DSM-5 que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação do DSM-IV. (DSM-V, 2014, p. 809).

Tal transtorno apresenta como característica o prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B) (DSM-V, 2014, p. 53).

Uma questão fundamental a ser relacionada às características diagnósticas do Autismo é o desenvolvimento comprometido ou anormal da interação social e da forma de comunicar-se, com repertório limitado de atividades e interesses, o que também compromete, diretamente, seu desempenho em sala de aula.

Mantoan alega que

a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com

deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral (2015, p. 12).

Não se faz inclusão pensando somente no estudante autista ou com alguma outra deficiência, mas sim por meio da partilha da experiência e uma mudança de perspectiva por parte da escola que possa contribuir com os avanços de todos os sujeitos envolvidos no processo. Uma vez pensada a inclusão, se entende que o processo se faz no todo, o que requer maior dedicação, visando conhecimentos específicos e a busca por recursos pedagógicos que contribuam com uma educação íntegra, de qualidade que agreguem real valor ao desenvolvimento cognitivo do aprendente.

Sobre a inclusão escolar do aluno autista:

O medo é associado com o desconhecido, com o inusitado, com o que foge aos padrões estabelecidos. A dificuldade em confrontar-se com o novo, o desconhecido que paralisa. A necessidade de uma “regra” (um padrão de lógica) mostra o quanto o inusitado impossibilita, ou, ao menos, demonstra e desnuda aquele indivíduo que vai interagir (Bridi, Fortes, Filho, 2006, p. 83).

E é contra este medo que busco lutar por meio de minha prática profissional.

ATRAVESSANDO A EXPERIÊNCIA: QUEM É O OUTRO EM MINHA SALA DE AULA?

No ano de 2022, após um longo período trabalhando com a educação a distância, retomei os trabalhos com o ensino presencial. Tive, por seis anos, a experiência do trabalho com o ensino regular, com turmas de oitavo e nona série do Ensino Fundamental II (Anos Finais) ministrando o componente curricular Língua Inglesa.

Naquela modalidade pude utilizar algumas ferramentas tecnológicas como o ambiente virtual de aprendizagem (AVA), onde encontrei as mais variadas funções para o desenvolvimento de atividades e avaliações de aprendizagem (como o WhatsApp) para o trabalho com a pronúncia e a leitura de textos em Língua Inglesa.

Atendendo a uma necessidade pessoal, e algumas demandas orgânicas da escola, retomei a sala de aula tradicional. Naturalmente, com a mudança do espaço virtual, senti o impacto, ainda mais por se tratar de uma realidade com estudantes vindos de um período pós-pandêmico, com muitos questionamentos e inseguranças além das vindas dos conteúdos de sala de aula. Pude, ali, começar a pôr em prática alguns aprendizados até então guardados.

Com bastante ansiedade para o primeiro dia, fomos ao primeiro tempo com a turma nova. Durante a aula com a turma da oitava série, em que um/a dos/as alunos/as/xs da turma era diagnosticado autista moderado (sendo que até aquele momento não tinha recebido essa informação), entrei em sala e comecei as atividades. O discente, que por aquele período havia trocado a dose da medicação, irritou-se com o ambiente novo. Afinal, a nova professora, com uma nova abordagem, em um novo ano letivo, traz muitas novidades. Convenhamos, era muita informação para ele processar em pouco tempo após todos os estresses, ansiedades e dificuldades causadas pela Pandemia de Covid-19.

Ampliando a inclusão: o potencial do instagram no ensino para estudantes autistas

A ideia da proposta pedagógica, pensada como uma ferramenta auxiliar de ensino, se-

gundo o que preconiza Cunha (2012), foi colocar em prática algo que pudesse estimular a percepção dos estudantes autistas presentes em sala de aula, de modo a amenizar as suas abstrações e desenvolver seus pensamentos e ideias quanto a disciplina e os assuntos que vinham sendo trabalhados com as turmas e, assim, reter o conteúdo de maneira a otimizar seus estudos e desenvolver aspectos no seu processo de aprendizagem como a subjetividade, linguagem, cognição, capacidade de simbolizar, socialização e o afeto.

A partir dessa experiência inicial em sala de aula com um discente autista moderado, observou-se a real necessidade de encontrar maneiras eficazes de estimular a aprendizagem e a participação dele e de outros estudantes com características semelhantes. O desafio era criar um ambiente de aprendizagem inclusivo que levasse em consideração as necessidades individuais desses estudantes, ao mesmo tempo em que promovesse a interação e o envolvimento de todos.

Foi por meio desse contexto que as mídias sociais, em especial o Instagram, se destacaram como uma ferramenta pedagógica promissora, uma vez que, analisando a rotina dos alunos e diálogos a respeito do uso frequente das mídias, enxerguei ali uma oportunidade. Tal rede propiciaria as possibilidades de interação, colaboração e aprendizado, criando ambientes ricos em informação, bem como a criação de oportunidades de conexão entre os indivíduos.

Tratando-se do Instagram, identifiquei uma variedade de recursos que podem ser aproveitados para apoiar o processo de desenvolvimento de estudantes autistas por se tratar de uma pla-

taforma de mídia social que permite aos usuários o compartilhamento de fotos, textos, vídeos e a interação com outros usuários por meio de curtidas, comentários e mensagens.

Reconhecendo o uso de tal plataforma, é possível apresentar as informações de maneira acessível e atraente, o que pode se tornar útil e agente facilitador para educandos com dificuldades de comunicação. Além disso, postagens podem ser organizadas de modo a criar uma sequência lógica de conteúdo, o que auxilia diretamente na compreensão e a assimilação de conceitos.

Além disso, as interações sociais no Instagram podem ser adaptadas para atender às necessidades individuais dos discentes autistas, proporcionando, portanto, uma ampliação de comunicação que pode ser aproveitada por professores e colegas de classe por meio de recursos disponíveis nessa interface de usuário como comentários, mensagens diretas, curtidas, entre outros, proporcionando um ambiente de aprendizado colaborativo e inclusivo.

Tais apontamentos se alinham perfeitamente com a necessidade de adaptar a interação social na mídia social *Instagram* (Figura 1), cuja página¹ criada por mim, intitulada “@laripenglish_”, objetivou atender às necessidades específicas dos educandos autistas, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais eficaz e acessível, já que este recurso tecnológico melhorou a experiência de aprendizado deles e ao mesmo tempo promoveu a inclusão em sala de aula, tendo por consequência atingido os demais estudantes das classes que lecionei, efetivando então o perfil como uma página de compartilhamento e aprendizado para todos.

¹Link da página do Instagram usada por mim para auxiliar na inclusão de estudantes autistas no processo de ensino e aprendizagem - https://www.instagram.com/laripenglish_/

Figura 1 – O perfil no *Instagram* laripenglish_, criado para auxiliar na inclusão e no aprendizado de estudantes autistas.



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Finalmente, ao vermos a possibilidade e gama de vantagens oferecidas pelas TICs, com mídias sociais populares como o Instagram, percebemos ser possível conceber e implementar ambientes de aprendizado mais acessíveis, envolventes e projetados com a finalidade de atender às diversas necessidades dos aprendizes, independentemente de suas características.

Se utilizar desta abordagem transcende a adesão à inclusão. Ela representa um compromisso e a conscientização acerca da necessidade de não apenas reconhecer, mas também valorizar e respeitar as singularidades de cada sujeito envolvido no processo educacional. Ao fazer isso, estamos, no papel de professores, promovendo uma educação igualitária e justa para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a ênfase na aceitação e na compreensão das particularidades de cada estudante

contribui para criar um ambiente educacional a cada dia mais acolhedor, onde todos podem ter a oportunidade de alcançar o seu pleno potencial. Essa postura não apenas beneficia os estudantes diretamente envolvidos, como também potencializa toda a comunidade escolar ao estimular uma cultura de respeito e inclusão que se estende para além dos limites da sala de aula, influenciando positivamente a sociedade em geral.

Com o uso do Instagram, pude observar que tanto meus alunos especiais quanto os demais se envolveram no processo de ensino. Se tornaram mais participativos e tiveram sua curiosidade aguçada de alguma forma, o que trouxe para aquela rotina de estudos uma interação diferenciada que propiciou vivenciar experiências diferentes daquelas corriqueiras de sala de aula.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRIDI, F. R. S.; FORTES, C. C.; FILHO, C. A. B. **Educação e Autismo: as sutilezas e as possibilidades do processo inclusivo**. In.: Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade / Organizadora, Berenice Weissheimer Roth. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, p. 63-69, 2006.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa**. 30^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

MANTOAN, M. T. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MARQUES, L. P.; ROMUALDO, A. S. **O paradigma da inclusão como utopia na perspectiva freiriana**. In: **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 52, Santa Maria, 2015, p. 269-280. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/15707/pdf>. Acesso em 27/11/2023.